



**FAPAC - FACULDADE PRESIDENTE ANTÔNIO CARLOS INSTITUTO
TOCANTINENSE PRESIDENTE ANTÔNIO CARLOS PORTO LTDA
CURSO DE MEDICINA**

CAROLINA SILVA GUERREIRO

SAMARA FERRO REZENDE

**PERFIL DA AUTOMEDICAÇÃO ENTRE ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR
NO BRASIL – UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA**

PORTO NACIONAL - TO

2020

CAROLINA SILVA GUERREIRO

SAMARA FERRO REZENDE

**PERFIL DA AUTOMEDICAÇÃO ENTRE ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR
NO BRASIL – UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA**

Artigo científico submetido ao curso de Medicina do Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos Porto – ITPAC Porto Nacional, como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel em Medicina.

Orientador: Prof.

PORTO NACIONAL – TO

2020

PERFIL DA AUTOMEDICAÇÃO ENTRE ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL – UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA

Carolina Silva Guerreiro¹
Samara Ferro Rezende¹

¹Acadêmica do curso de medicina na Faculdade Presidente Antônio Carlos –
FAPAC/ITPAC PORTO

²Professor (a) do curso de medicina na Faculdade Presidente Antônio Carlos –
FAPAC/ITPAC PORTO

RESUMO: Introdução: A automedicação é caracterizada pela ANVISA como o ato de utilizar medicamentos sem que haja acompanhamento por um profissional de saúde. Anualmente são muitos os casos de intoxicação ou morte por conta da prática errônea e indiscriminada desta. Apesar da alta prevalência e dos impactos potencialmente fatais, ainda são escassos os dados acerca do impacto sobre a saúde da população. Tendo isso em vista, este estudo busca identificar qual o perfil de automedicação mais prevalente entre estudantes no Brasil. **Metodologia:** Esta se trata de uma pesquisa do tipo revisão sistemática de literatura, do tipo descritiva. Foram utilizadas as bases de dados PubMed, EBSCOhost, Google Acadêmico e SciELO, a partir dos termos “*Self medication*”, “*Students*” e “*Brazil*” utilizando o operador booleano AND. Incluíram-se artigos recentes, que tratassem do tema em questão e que estivessem no idioma português ou inglês e disponíveis na íntegra gratuitamente. Após a análise de títulos e resumos foi feita uma releitura crítica para a escolha dos artigos para compor o corpus do presente estudo. **Resultados e Discussão:** Os estudos demonstram uma alta prevalência de automedicação com mais de 2/3 dos indivíduos na maioria dos estudos. Em relação aos medicamentos mais utilizados, estiveram os analgésicos, antiinflamatórios, anti-histamínicos, e antibióticos. Dentre os motivadores da prática estiveram a dor de cabeça, sintomas gripais, sinais febris, dores em geral, infecções, prevenção, facilidade de compra, falta de acesso à saúde e falta de dinheiro, a influência de familiares, conhecidos e da mídia. **Conclusões:** Há uma alta prevalência de automedicação entre estudantes de diversos cursos, o que chama a atenção para a necessidade de uma elaboração de protocolos de prevenção eficazes.

PALAVRAS-CHAVE: Adultos jovens. Automedicação. Brasil. Estudantes.

ABSTRACT: Introduction: Self-medication is characterized by ANVISA as the act of using drugs without being monitored by a health professional. Annually, there are many cases of intoxication or death due to its erroneous and indiscriminate practice. Despite the high prevalence and potentially fatal impacts, data on the impact on the population's health are still scarce. With this in mind, this study seeks to identify the most prevalent self-medication profile among students in Brazil. **Methodology:** This is

a systematic literature review, descriptive research. The PubMed, EBSCOhost Google Acadêmico and SciELO databases were used, based on the terms “Self-medication”, “Students” and “Brazil” and using the Boolean operator AND. Recent articles were included, dealing with the topic in question and in Portuguese or English and available in full free of charge. After analyzing the titles and abstracts, a critical review was made to choose the articles to compose the corpus of the present study. **Results and Discussion:** The studies demonstrate a high prevalence of self-medication with more than 2/3 of the subjects in most studies. In relation to the most used drugs, there were analgesics, anti-inflammatories, antihistamines, and antibiotics. Among the motivators of the practice were headache, flu-like symptoms, feverish signs, pains in general, prevention, ease of purchase, lack of access to health and lack of money, the deficiency of family members, acquaintances and the media. **Conclusions:** There is a high prevalence of self-medication among students of different courses, which draws attention to the need for the elaboration of effective prevention procedures.

KEYWORDS: Young adults. Self-medication. Brazil. Students.

1 INTRODUÇÃO

A automedicação é uma prática comum e frequente entre diferentes grupos etários, sociais e entre diferentes culturas. Ela é definida, segundo a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), como sendo a utilização de medicamentos que são aprovados para a venda sem prescrição, sem haver orientação ou acompanhamento de um profissional da saúde, seja ele dentista ou médico. É realizado com a finalidade de tratar doenças ou sintomas e possui sua eficácia e segurança comprovada se realizado de forma correta e racional pela população, sendo esta definida pelo termo “automedicação responsável” pela ANVISA (SOTERIO, SANTOS, 2016).

Para que ocorra de forma responsável, é necessário um diagnóstico médico inicial, a escolha de medicação ideal e em doses apropriadas, e que o paciente saiba sobre fatores como interações medicamentosas, duração do tratamento, efeitos adversos e precauções a serem tomadas (BRASIL, 2001; SOTERIO, SANTOS, 2016).

Ela pode ainda ser classificada de 3 formas: cultural, quando seu uso é realizado devido ao conhecimento popular ou experiências obtidas a partir de parentes e passado por diversas gerações; orientada, quando o indivíduo possui um conhecimento prévio acerca de diversos aspectos da medicação a ser utilizada; e induzida, quando campanhas publicitárias, propagandas ou outros meios midiáticos são utilizados para incentivar o uso de determinado fármaco (LURAS *et al.*, 2016).

Porém, apesar dos potenciais benefícios, a automedicação pode também ser deletéria se realizada de forma descoordenada. Dentre os malefícios que podem ser causados pelo uso indiscriminado de determinada medicação, podem-se citar a resistência microbiana, interações com outros medicamentos, reações adversas, mascaramento de outras doenças potencialmente mais graves, dentre diversos outros (GAMA; SECOLI, 2017).

A Organização Mundial de saúde estima que pouco mais de 50% dos medicamentos são prescritos de forma incorreta. Além disso, dados demonstram que o impacto na saúde causado por isso é alarmante. Em 2011, cerca de 1/3 das internações no Brasil originam-se do uso incorreto de medicações. Além disso, 29,5% das intoxicações no país foram por conta de medicamentos e 16,9% dos óbitos tiveram igualmente esta causa neste ano. Apesar da alta prevalência, ainda são escassos os dados nacionais acerca dessa prática e de seu impacto direto sobre a saúde da população (DOMINGUES *et al.*, 2015).

Tendo em vista a alta prevalência desta prática, os impactos potencialmente negativos por detrás desta quando realizada de forma inapropriada e os dados nacionais ainda escassos sobre seu impacto e prevalência na população, o presente estudo visa identificar qual o perfil de automedicação mais prevalente entre estudantes do ensino superior no Brasil.

2 METODOLOGIA

Uma revisão de literatura é uma metodologia eficaz para realizar uma sondagem do que toda a produção científica disponível diz a respeito de determinada temática. Ela ainda possui a capacidade de estruturar conceitos a partir de diversas fontes e de diversos pontos de vista, e de articular redes de pensamento e de conceito e trilhar com isso o caminho para o que se deseja conhecer (GOMES; CAMINHA, 2014).

Diante disso, este estudo se trata de uma revisão sistemática de literatura, descritiva e tem por objetivo levantar o que os artigos mais recentes demonstram acerca do perfil da automedicação entre estudantes no Brasil. Para sua realização de forma organizada, dividiu-se em etapas.

Primeiramente foi definida a pergunta norteadora: Qual o principal perfil dos estudantes do Brasil que recorrem à prática da automedicação? Após essa etapa,

recorreu-se a bancos de dado para a busca de artigos científicos que contemplassem essa temática.

Foram utilizadas as bases de dados PubMed, EBSCOhost, Google Acadêmico e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), através dos termos e descritores nos idiomas português e inglês adaptados às plataformas de pesquisa: “Automedicação” (“*Self medication*”), “Estudantes” (“*Students*”) e “Brasil” (“*Brazil*”). Também fora utilizado na pesquisa o operador booleano AND, para que os termos fossem incluídos de forma simultânea nos artigos a serem selecionados.

Após essa pesquisa, foi realizada a seleção de artigos levando-se em consideração a análise de títulos e dos resumos disponíveis. Como critérios de inclusão foram selecionados os artigos que contemplassem como se dá a automedicação entre estudantes, que tivesse disponibilidade de acesso ao texto completo de forma gratuita por via eletrônica, que sejam recentes, ou seja, publicados nos últimos 5 anos (entre 2015 e 2020) e que estivessem nos idiomas português ou inglês. Foram excluídos àqueles artigos que contemplassem outro tema, ou ainda a automedicação entre outros grupos que não de estudantes ou cujo texto não fosse passível de acesso por via eletrônica e de forma completa gratuitamente.

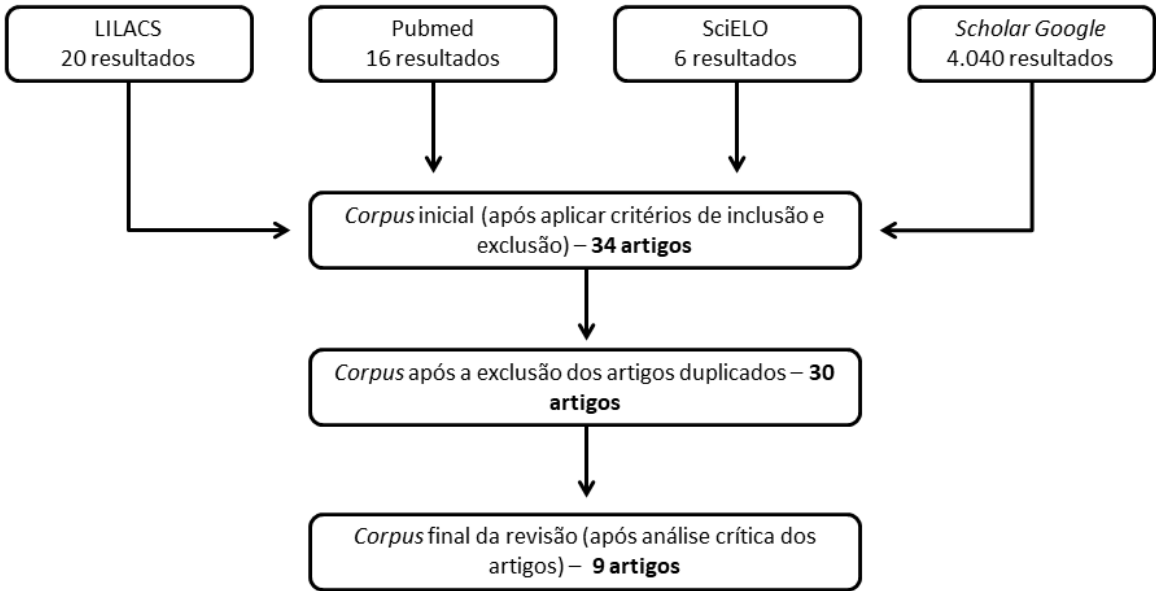
Após esta etapa, realizou-se uma segunda análise crítica, com maior acurácia, para avaliar fatores como relevância, confiabilidade, tamanho da amostra, tipo de estudo dos artigos selecionados. Após esta segunda análise, foi realizada a montagem do *corpus* final da revisão, com geração de tabelas/ fluxogramas para facilitar sua análise e interpretação.

3 RESULTADOS

Inicialmente foi encontrado um total de 4.082 artigos, após a busca nas bases de dados com os termos já descritos e com o operador booleano AND. Estes foram encontrados na seguinte divisão: 4.040 na plataforma *Scholar google*, 6 na SciELO, 16 na Pubmed e 20 resultados na LILACS. Após colocar o filtro para a especificação de artigos publicados dentro dos últimos 5 anos, esse valor foi reduzido em 48,0%, para 2.119 artigos. Após isso, foi realizada a leitura analítica dos títulos e resumos disponíveis, com a seleção daqueles que contemplavam os fatores de inclusão e exclusão, deixando como *corpus* inicial um quantitativo de 34 artigos para análise posterior. Destes, 4 artigos eram duplicados e foram excluídos do *corpus*, diminuindo

esse valor para 30. Após essa fase inicial de seleção foi realizada uma segunda etapa, mais detalhada, levando-se em consideração aspectos como relevância do estudo realizado, grau de confiabilidade dos dados obtidos, tamanho da amostra selecionada no estudo (dando-se preferência a estudos mais robustos, com amostras maiores) e tipo de estudo realizado. Após essa fase mais detalhada, decidiu-se optar pela seleção de 9 artigos para a composição do *corpus* final do estudo. O fluxo do processo de seleção dos artigos para este estudo está indicado na imagem 01.

Figura 01. Fluxograma de seleção dos artigos para composição do *corpus* da presente pesquisa



Fonte: Elaborado pelos autores

Após esse período de seleção dos artigos, foi realizada uma divisão destes de acordo com as variáveis: autor, ano de publicação, periódico, amostra selecionada, objetivo do estudo e resultados de importância para a temática. Estes podem ser visualizados com detalhes na tabela 01.

Tabela 01. *Corpus* final da revisão sistemática de literatura

Autor/Ano de publicação	Periódico/local do estudo	Amostra (n)	Objetivos	Resultados relevantes
GAMA; SECOLI, 2017	Revista Gaúcha de enfermagem, Amazonas	n=116	Determinar a prevalência e os fatores associados à	Automedicação: 76,0%. Grupos farmacológicos: AINES (63,2%) e antibióticos (11,1%).

			prática da automedicação entre estudantes de enfermagem	Motivo do uso: Dores (50,0%), infecções (14,8%). 46,6% acreditava não precisar ir ao médico
IURAS <i>et al.</i> , 2016	Revista Portuguesa de Estomatologia, Medicina Dentária e Cirurgia Maxilofacial, Amazonas	n=180	Verificar o quão comum é a prática da automedicação entre estudantes de enfermagem, medicina e medicina dentária	Automedicação: 89,0%. Grupos farmacológicos: Analgésicos e antitérmicos (35,0%), AINES (20,0%), Antibióticos (13,0%). Motivo do uso: dor de cabeça (37,0%), dor de garganta (12,0%), sintomas gripais (9,0%), dores no geral (9,0%)
TAMASINI <i>et al.</i> , 2015	Biosaúde, Norte do Paraná	n=95	Determinar prevalência e fatores associados à automedicação entre estudantes de diversos cursos de graduação	Automedicação: 87,4%. Grupos farmacológicos: Analgésicos (65,3%), AINES (36,8%), antialérgico (22,1%) Antibióticos (16,8%). Motivo do uso: dor de cabeça (66,3%), sintomas gripais (27,4%) Inflamação (25,7%)
COELHO <i>et al.</i> , 2017	Revista psicologia, diversidade e saúde, Salvador, Bahia	n=503	Relacionar a autopercepção do estado de saúde atual e a prática da automedicação.	82% da amostra referiram se sentir saudáveis e 16% afirmaram não se sentir saudáveis. 85% afirmou procurar assistência médica e apenas 18% afirmaram praticar a automedicação nas ocasiões em que ficam doentes.
LIMA <i>et al.</i> , 2017	Revista Expressão Católica Saúde, Fortaleza-Ce	n=205	Verificar como se dá a prática da automedicação entre estudantes do curso de farmácia	Automedicação: 99,51%, Grupos farmacológicos: analgésicos (41,96%), anti-inflamatórios (21,36%), antialérgicos (18,45%) e antitérmicos (11,01%), Motivo do uso: dores de cabeça (36,27%), por gripe/resfriado (15,94%) e dores musculares (13,04%).
BOHOMOL; ANDRADE, 2020	Ciências e cuidados da Saúde, São Paulo	n=126	Verificar a prevalência e aspectos sobre a automedicação entre estudantes de enfermagem	Automedicação: 99,2%. Grupos farmacológicos: analgésicos e antipiréticos (45,1%), AINES (9,5%), anti-histamínicos (8,2%) e antibióticos (8,2%). Motivo do uso: de dores (74,6%), inflamação (15,8%), e resfriado (14,3%). Consequências: mascaramento de doenças mais graves (11,9%), reações adversas (10,3%), resistência bacteriana (4,0%), intoxicação (0,8%).
NASCIMENT O <i>et al.</i> , 2019	Revista de medicina (São Paulo), Alagoas	n=284	Avaliar a automedicação e suas peculiaridades entre estudantes de medicina de uma IES.	Automedicação: 98,6%. Grupos farmacológicos: AINES (214), Antialérgicos (197), descongestionantes nasais (170), Antiinflamatórios esteroidais (159) e antibióticos (74).

				Motivo do uso: dor de cabeça (90,0%), sintomas gripais (78,6%), febre (75,7%), dores (63,9%), infecções (31,8%) e prevenção (14,3%) // facilidade de compra dos medicamentos (72,5%), falta de acesso à saúde (9,3%), falta de dinheiro (4,6%), falta de tempo (0,17%)
LÁZARO <i>et al.</i> 2020	Research, Society and Development, São José do Rio Preto, SP	n=158	Avaliar como se dá a automedicação entre estudantes de medicina e seus fatores relacionados	Automedicação: 88,0% Grupos farmacológicos: analgésicos (73,9%), anti-inflamatórios (33,5%), relaxantes musculares (47,9%), corticosteroides (8,9%), antibióticos (7,5%), ansiolíticos (5,4%) e estimulantes do SNC (3,4%). 10,27% é dependente da medicação. 26% possui baixo rendimento se não fizer uso da medicação. 20,55% desconhece riscos.
RICARDO, 2019	Relatório (Mestre em Ciências farmacêuticas) – Universidade da Beira interior, Covilhã	n=385	Avaliar a automedicação entre estudantes de um curso de doutoramento em ciências farmacêuticas	Automedicação: 70,1% Grupos farmacológicos: Analgésicos e antipiréticos (24,2%), AINES (15,0%), anti-histamínicos (11,0%), descongestionantes nasais (8,1%) e antitossígenos (6,4%). Motivo do uso: sintomatologia de constipação/gripe (15,7%), seguida por dores de cabeça leves a moderadas (10,1%), dor de garganta (9,4%), tosse (7,6%) e distúrbios menstruais (8,5%). 6,7% não verificaram data de validade. 97,1% referiram melhora do quadro.

Fonte: Elaborado pelos autores

Gama e Secoli (2017) realizaram um estudo transversal através de aplicação de questionário, com uma amostra de 116 estudantes de enfermagem no estado do Amazonas em 2014. Eles objetivavam determinar a prevalência e os fatores associados à prática da automedicação nessa população. Como resultados eles obtiveram que 76,0% dos acadêmicos realizavam automedicação, sendo os principais grupos farmacológicos envolvidos os anti-inflamatórios não esteroidais (63,2%) e antibióticos (11,1%). Em relação à motivação para a prática, obteve-se que 50,0% foram devidos a dores, incluindo em cabeça, abdome e cólicas menstruais. Outras causas que foram afirmadas envolveram infecções urinárias e de garganta (14,8%),

resfriado (10,2%) e febre (9,1%), e 46,6% concluíam ainda que o problema de saúde não requeria que a visita ao médico fosse realizada.

Semelhante a este, no Amazonas, Iuras e colaboradores (2016) realizaram um estudo com 180 acadêmicos dos cursos de enfermagem, medicina e medicina dentária entre o terceiro e quinto semestre, com a finalidade de verificar o quão comum é a prática da automedicação entre a amostra selecionada. Ao avaliar a taxa de automedicação, obteve-se que 89,0% afirmaram se automedicar, e os principais motivos incluíram tratar dores de cabeça (37,0%), musculares (5,0%), de garganta (12,0%), sintomas gripais (12,0%), febre (5,0%) e inflamações (4,0%). As principais classes farmacológicas utilizadas foram analgésicos e antitérmicos (35,0%), seguida por anti-inflamatórios (20,0%), antibióticos (13,0%) e relaxantes musculares (8,0%). Outras classes ainda utilizadas foram suplementos vitamínicos (2,0%), metilfenidato (2,0%), antiparasitários (3,0%), gastroprotetores (3,0%) e antiespasmódicos (4,0%).

Tamasini e colaboradores (2015) realizaram um estudo no Norte do Paraná com 95 estudantes de diversos cursos de graduação com o mesmo objetivo dos estudos supracitados. Como instrumento de coleta de dados utilizaram um formulário abordando diferentes aspectos da automedicação. Como resultados, concluíram que 87,4% utilizavam medicamento sem prescrição. Ao questionar o motivo da prática, 37,9% afirmou ter feito por indicação do farmacêutico, 33,7% por indicação de amigos ou parentes e 22,1% pela experiência prévia com o uso. 2,1% ainda afirmou ter feito devido às propagandas. Em relação aos grupos farmacológicos, os mais utilizados foram analgésicos (65,3%), anti-inflamatórios (36,8%), antialérgicos (22,1%) e antibióticos (16,8%). Em relação ao motivo, o mais predominante foi a queixa de dor de cabeça (66,3%), seguida de inflamação (25,7%) e sintomas gripais (27,4%).

Coelho e colaboradores (2017), por sua vez, utilizaram um questionário semi-estruturado para abordar esta temática entre estudantes do curso de medicina em Salvador, Bahia. Seu objetivo era relacionar a autopercepção do seu estado de saúde e a prática da automedicação. Utilizaram para isso uma amostra de 503 estudantes. Deste, 82% referiram se sentir saudáveis e 16% afirmaram não se sentir saudáveis. Quando questionados sobre as providências que estes faziam quando ficavam doentes, 85% afirmou procurar assistência médica e apenas 18% afirmaram praticar a automedicação. Este foi o estudo encontrado com a menor taxa de automedicação entre estudantes. Porém, este estudo não analisou aspectos como classes de medicamentos mais utilizados e circunstâncias de seu uso.

Lima e colaboradores (2017) realizaram um estudo em Fortaleza-Ce, prospectivo a partir de um roteiro estruturado, numa universidade privada, objetivando verificar como se dá a prática da automedicação entre estudantes do curso de farmácia. A pesquisa contou com uma amostra de 205 acadêmicos, predominantemente do sexo feminino (72,68%) e de idade entre 18 e 28 anos (65,37%). Este foi o estudo encontrado em que houve maior taxa de automedicação, com um total de 99,51% da amostra afirmando já ter praticado ou praticar atualmente a compra de medicamentos sem receita médica. Quando questionaram acerca da motivação, estes afirmaram que o maior motivo da busca por medicamentos foi por conta de dores de cabeça (36,27%), por gripe/resfriado (15,94%) e dores musculares (13,04%). Em relação às classes farmacológicas, houve predomínio no uso de analgésicos (41,96%), anti-inflamatórios (21,36%), antialérgicos (18,45%) e antitérmicos (11,01%).

Bohomol e Andrade (2020) fizeram uma pesquisa na mesma linha com estudantes de graduação em enfermagem em São Paulo, através de questionário enviado eletronicamente, por conta da pandemia de COVID-19. Este questionário abordava aspectos sociodemográficos e informações acerca da automedicação entre os estudantes. O valor total da amostra selecionada foi 126, sobretudo composta por estudantes do segundo ano do curso. Do grupo selecionado, 99,2% afirmou realizar automedicação. Em relação aos grupos de medicamentos mais utilizados foram incluídos analgésicos e antipiréticos (45,1%), AINES (9,5%), anti-histamínicos (8,2%) e antibióticos (8,2%). Dentre os sintomas que os levou à busca, houve um predomínio de dores (74,6%), inflamação (15,8%), e resfriado (14,3%). O diferencial desse estudo foi o fato de abordar outros fatores como as consequências dessa prática. Os estudantes afirmaram ter sofrido mascaramento de doenças mais graves (11,9%), reações adversas (10,3%), resistência bacteriana (4,0%) e em menor quantidade intoxicação (0,8%). Outro fator avaliado nesse estudo foi o conhecimento quanto aos fatores adversos por detrás do uso destes medicamentos. Pouco mais da metade (61,9%) afirmou ler a bula e 4% afirmou nunca ter realizado leitura prévia de nenhuma informação acerca da segurança e riscos do uso do fármaco utilizado.

Nascimento e colaboradores (2019) também fizeram um estudo no estado do Alagoas, para avaliar a automedicação entre estudantes de medicina de uma instituição de ensino superior. Foi realizado com uma amostra de 284 voluntários, a partir de questionário semi-estruturado em que abordava aspectos sociodemográficos

e relativos à temática em questão. 98,6% afirmaram recorrer à automedicação, tendo estes justificado recorrer a esta prática principalmente por conta da facilidade de compra dos medicamentos (72,5%), falta de acesso à saúde (9,3%), falta de dinheiro (4,6%) e falta de tempo (0,17%). Outros motivos foram poder iniciar rapidamente o tratamento, ser profissional de saúde, demora do atendimento, conhecimento prévio acerca da droga e da doença e questões culturais. 31,8% ainda afirmaram ter sempre lido a bula, 44,3% afirmou ler sempre que possível e 24,0% não leem nunca. As classes mais utilizadas foram: AINES (214), Antialérgicos (197), descongestionantes nasais (170), Antiinflamatórios esteroidais (159) e antibióticos (74). Os motivos mais frequentes para busca foram dor de cabeça (90,0%), sintomas gripais (78,6%), febre (75,7%), dores (63,9%), infecções (31,8%) e prevenção (14,3%).

Lázaro e colaboradores (2020) estudaram 158 estudantes de medicina de São José do Rio Preto, SP, matriculados entre o 1º e 4º períodos, através de um questionário. Eles concluíram que nos últimos 6 meses, 88% dos alunos recorreram à automedicação, e que destes, 41,7% afirmaram que o medicamento jamais fora prescrito por um profissional de saúde, tendo realizado uso por conta própria. As classes de medicamentos mais usadas foram: analgésicos (73,9%), anti-inflamatórios (33,5%), relaxantes musculares (47,9%), corticosteroides (8,9%), antibióticos (7,5%), ansiolíticos (5,4%) e estimulantes do SNC (3,4%). Ainda relataram que o período em que mais recorrem à automedicação é quando há trabalhos ou provas, sendo que 68,4% afirmaram que neste período a prática se intensifica. 10,27% afirmaram ser dependentes da medicação e 26% afirmaram possuir baixo rendimento se não fizer uso da medicação. Em relação ao conhecimento dos riscos, 71,92% afirmaram conhecer, enquanto 20,55% desconhece.

Ricardo (2019) estudou a automedicação entre estudantes de um curso de doutoramento em ciências farmacêuticas, com um total de 385 estudantes, com idade entre 18 e 37 anos, sobretudo do sexo feminino (329). Chegou-se à conclusão que 70,1% destes recorreram à prática. Dentre os fatores causais, as principais justificativas incluíram “obter rápido alívio dos sintomas ou condição apresentada” (253), “possuir conhecimento para se automedicar” (252), “baixa gravidade da condição” (249), “uso bem sucedido anterior” (219), “praticidade e comodidade” (214). 6,7% afirmaram não terem verificado a data de validade do fármaco, 97,1% afirmou melhora do quadro. Em relação às condições que levaram à automedicação, a mais referida foi a sintomatologia de constipação/gripe (15,7%), seguida por dores de

cabeça leves a moderadas (10,1%), dor de garganta(9,4%), tosse (7,6%) e desordens menstruais (8,5%). Dentre as classes mais utilizadas estiveram Analgésicos e antipiréticos (24,2%), AINES (15,0%), anti-histamínicos (11,0%), descongestionantes nasais (8,1%) e antitossígenos (6,4%).

4 DISCUSSÕES

A análise dos estudos selecionados, com melhor qualidade metodológica e amostral demonstrou que a automedicação é exercida, de forma geral, por mais de 2/3 da população de estudantes. Fora encontrado apenas um estudo que apresentou um valor abaixo deste. Existem várias razões que podem explicar a razão pela busca da automedicação. Esta ocorre como resultado da soma de diversos fatores inerentes ao indivíduo, como a dificuldade de acesso a serviços de saúde de qualidade, a necessidade imediata de aliviar sinais/sintomas, os conhecimentos populares acerca de tratamentos e de prevenção de doenças e a facilidade de compra de medicamentos tarja vermelha (cuja retenção de receita não é necessária) (DOMINGUES *et al.*, 2015; GAMA; SECOLI, 2017).

Atualmente as drogarias são a principal alternativa buscada por diversas pessoas como o meio de encontrar auxílio para suas demandas de saúde, e cumprem um papel essencial como fornecedoras de medicamentos. Apesar disso, não é o local considerado como adequado para a busca por orientações de saúde, sendo indispensável a busca por um profissional de saúde qualificado (IURAS *et al.* 2016).

Em relação às classes das medicações que são mais utilizadas pelos estudantes, a maioria dos estudos demonstrou altas taxas de uso de medicações que podem ser adquiridos sem retenção de receita, como analgésicos, antiinflamatórios, anti-histamínicos, dentre outros. Os antiinflamatórios possuem sua facilidade e praticidade no que se refere à melhora de queixas álgicas, bem como de cólicas menstruais, além de promover um efeito antipirético e possuir uma facilidade de acesso em diversas farmácias. Haja vista essas características há uma grande quantidade de pessoas que o utilizam como maneira de aliviar sintomas imediatos. E esse fator, aliado à morosidade para marcar consultas médicas, ao custo financeiro e aos conhecimentos prévios passados por parentes ou amigos, faz com que estes sejam medicamentos amplamente utilizados por diversos indivíduos como solução imediata para controle da dor (GAMA; SECOLI, 2017).

Os AINES também possuem um efeito deletério importante com repercussões gastrointestinais (dor azia, diarreia), podendo levar à formação de úlceras gástricas e duodenais devido à inibição da produção de prostaglandinas e prostaciclina como a PGE₂ e a PGD₂, repercussões sobre o sistema renal podendo levar a distúrbios hidroeletrolíticos, insuficiência renal aguda e síndrome nefrótica, dentre outros (OLIVEIRA *et al.*, 2019).

Igualmente, os antibióticos são classes que merecem atenção. A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) proíbe a venda de antibióticos sem receita médica, ainda assim a grande maioria dos estudos demonstrou uma taxa ainda alta de automedicação com o uso dessa classe. Há um risco comprovado de aumento da resistência bacteriana se houver uso indiscriminado de antibióticos, levando ao desenvolvimento de bactérias resistentes (GAMA; SECOLI, 2017). Associado a isso, há ainda o risco de desenvolvimento de efeitos adversos, por vezes graves, como dores epigástricas e outras manifestações gastrointestinais, manifestações hepáticas e renais, além de reações alérgicas graves, Síndrome de Stevens-Johnson e reações com outras medicações. Nesse contexto uma boa orientação seria necessária para diminuir estes efeitos adversos ou ainda tratá-los quando presentes (LOURO; ROMANO-LIEBER; RIBEIRO 2007).

Com a finalidade de conscientizar e chamar a atenção dos profissionais de saúde sobre os riscos da automedicação, o Ministério da Saúde elaborou um manual técnico denominado “Uso racional de medicamentos” que objetiva propor ferramentas que auxiliem o manejo correto e o modo como orientar os usuários na atenção básica. Há também o dia Nacional do Uso racional de medicamentos, no dia 5 de maio, que serve para alertar sobre os potenciais riscos por detrás desta prática, dando uma ressalva para o uso indiscriminado como principal fator causal da intoxicação medicamentosa, causadora de óbito.

5 CONCLUSÃO

A maioria dos estudos demonstrou uma alta prevalência de automedicação, com a maioria indicando uma taxa de mais de 2/3 dos indivíduos que a praticam na grande maioria dos estudos. Em relação aos medicamentos utilizados, a maioria dos estudos demonstrou altas taxas de uso de medicações que podem ser adquiridos sem retenção de receita, como analgésicos, antiinflamatórios, anti-histamínicos, dentre

outros. Porém chamou a atenção o número ainda alto de pessoas que se automedicam com antibióticos, que são medicações que necessitam de retenção de receita.

Dentre os fatores que mais estiveram presentes como causadores da busca pela automedicação estiveram dor de cabeça, sintomas gripais, sinais febris, dores em geral, infecções, prevenção, facilidade de compra, falta de acesso à saúde e falta de dinheiro. A influência de familiares, conhecidos e da mídia também se fizeram presentes em alguns estudos. Os resultados destes estudos refletiram o quão esta prática é prevalente entre estudantes e o quão importante é o enfoque na prevenção, abrindo assim margem para futuros estudos verificarem mais a fundo a eficácia dos atuais protocolos para preveni-la.

REFERÊNCIAS

BOHOMOL, Elena; ANDRADE, Camila Moreira. Prática da automedicação entre estudantes de enfermagem de instituição de ensino superior. **Ciências e cuidados da Saúde**, v.19, e8001, 2020.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Consulta Pública nº 95, de 19 de novembro de 2001.** Disponível em:<<http://www4.anvisa.gov.br/base/visadoc/CP/CP%5B2735-1-0%5D.PDF>>. Acesso em 16 nov. 2020.

COELHO, Maria Thereza Ávila Dantas et al. Relação entre a autopercepção do estado de saúde e a automedicação entre estudantes universitários. **Revista psicologia, diversidade e saúde**, v.6, n.1, p.5-13, 2017.

DOMINGUES, Paulo Henrique Faria et al. Prevalence of self-medication in the adult population of Brazil: a systematic review. **Revista de Saúde Pública**, v.49, n.36, p.1-8, 2015.

GAMA, Abel Santiago Muri; SECOLI, Silvia Regina. Automedicação em estudantes de enfermagem do Estado do Amazonas – Brasil. **Revista Gaúcha de enfermagem**, v.38, n.1, e65111, 2017.

GOMES, Isabelle Sena; CAMINHA, Iraquitan de Oliveira. Guia para estudos de revisão sistemática: uma opção metodológica para as Ciências do Movimento Humano. **Revista Movimento**, Porto Alegre, RS, v. 20, n. 1, p.395-411, 2014.

IURAS, Anderson et al. Prevalence of self-medication among students of State University of Amazonas (Brazil). **Revista Portuguesa de Estomatologia, Medicina Dentária e Cirurgia Maxillofacial**, v.57, n.2, p.104-111, 2016.

LÁZARO, Camila Aline et al. Investigação sobre a automedicação dos estudantes do curso de medicina de uma Instituição de Ensino Superior. **Research, Society and Development**, v.9, n.4, 2020.

LIMA, Daniely Mara et al. Avaliação da prática da automedicação em acadêmicos do curso de farmácia em uma instituição privada de ensino superior em Fortaleza - Ce. **Revista Expressão Católica Saúde**, v.2, n.1, p.17-22, 2017.

LOURO, Estela; ROMANO-LIEBER, Nicolina; RIBEIRO, Eliane. Eventos adversos a antibióticos em pacientes internados em um hospital universitário. **Revista de Saúde Pública**, v.41, n.6, p.1042-1048, 2007.

NASCIMENTO, Camila Suica et al. Avaliação da automedicação entre estudantes de medicina de uma instituição de ensino de Alagoas. **Revista de Medicina (São Paulo)**, v.98, n.6, p.367-373, 2019.

OLIVEIRA, Mariana Martha C. et al. O uso crônico de anti-inflamatórios nãoesteroidais e seus efeitos adversos. **Caderno de Medicina**, v.2, n.2, 2019.

RICARDO, Jéssica Filipa Antunes. **Avaliação da prevalência e incidência da automedicação nos estudantes de Ciências Farmacêuticas**. 2019. 184f. Relatório (Mestrado em Ciências farmacêuticas) – Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2019.

SOTERIO, Karine Azeredo; SANTOS, Marlise Araújo. A automedicação no Brasil e a importância do farmacêutico na orientação do uso racional de medicamentos de venda livre: uma revisão. **Revista da graduação**, v.9, n.2, 2016.